



ESTATUA DE NEWTON, NO COLLEGIO DA TRINDADE, EM CAMBRIDGE.

A GRAÃ-BRETANHA foi a patria do mais abalizado entre os philosophos modernos, Isaac Newton; mas este raro engenho não é só o brazão privativo d'uma nação, é a honra do genero humano, pelo vigor da sua intelligencia, e pela importancia dos seus descobrimentos: alem do que [segundo a acertada observação de Condorcet] os verdadeiros antepassados do homem de talento são os mestres que o pre-

TOM. IV. JANEIRO 13. — 1840.

cederam na mesma carreira; e os discipulos de suas doutrinas são os seus verdadeiros descendentes.

Newton foi professor na universidade de Cambridge, cujos direitos zelosamente sustentou no parlamento: a Sociedade real de Londres o reelegueu presidente por vinte e quatro annos consecutivos: o rei lhe concedeu os graus de nobreza; os sabios do seu tempo lhe tributaram os maiores testemunhos d'estimação: dirigiu a casa da moeda d'Inglaterra, e tendo consagrado toda a sua vida ás sciencias morreu de idade avançada em 1727. De proposito nos abstermos de citar outras datas, porque este homem extraordinario não foi só da sua epocha, ficou pertencendo aos seculos futuros.

Tres descubrimentos importantissimos attestam ao mundo a profundidade de entendimento de Newton, e immortalisaram o seu nome: fallámos das leis fundamentaes da astronomia physica, da decomposição da luz, e do calculo das *fluxões*. E todavia este homem illustre não era vaidoso, nem soberbo, nem intolerante; esteve por vezes a ponto de abandonar os seus trabalhos e indagações, pelos desgostos que a principio lhe promoveu a novidade das suas doutrinas, e comtudo não fallava de si nem se queixava dos outros. Foi brando e humilde de coração, benefico, paciente, e christão por convicção. Muitas anedotas nos transmittiram provas da sua tranquillidade d'espírito: apontaremos uma. Teve Newton um cão, que estimava, a que chamava *diamante*; foi-lhe n'uma occasião preciso sair do quarto onde estudava, e deixou por acaso dentro o cão, que com pulos e brinquedos derribou uma vela accesa, motivando o incendio d'alguns papeis, cheios de calculos, trabalho de muitos annos: quando o philosopho, entrando no gabinete, viu o damno, apenas placidamente soltou estas palavras: *Ah diamante, diamante, que mal sabes o estrago que fizeste!* Similhante inacessibilidade á colera é attributo bem pouco vulgar no geral dos homens.

Finalmente longo seria o particularisar os trabalhos scientificos de Newton: mas como em nosso idioma temos um Poema em louvor deste assombroso engenho, tambem seria ommissão culposa se não transcrevessemos aqui alguns versos que podem completar o elogio do insigne philosopho; mormente quando o auctor do Poema, pela inveja de muitos, e ignorancia de não poucos, está hoje desprezado, apesar de ser contemporaneo, e de ter dado á estampa livros, que a posteridade apreciará imparcialmente. O seguinte extracto dará alguma idea da homenagem da poesia tributada á sciencia.

Newton, foste mortal; mas quasi eu creio,
(Qual é crença de extatico poeta)
Que d'um astro immortal vieste ao mundo
Mostrar prodigios, aos mortaes ignótos.
Tu, c' o prisma na mão marcaste a fonte
Da septiforme côr, que a luz encerra,
Qual seja a essencia sua, e qual a vida.

Bastava, ó Newton immortal, bastava
A dar-te um nome eterno, a luz, e as côres;
Mas tu, da clara luz transpondo o imperio,
Foste os astros seguir no eterno móto.
A pestilente inveja em vão contrasta
A teu nome immortal memoria, e honra.
Da Geometria nas valentes azas,
Nunca tentado despregaste um voo,
E d'uma esphera n'outra esphera foste
Viver entre mil soes sem deslumbrar-te;
Lá tu foste encontrar, de lá revelas

Lei que a um centro commum chama os planetas,
E a lei com que do centro os astros fogem.
O móto desigual da argentea lua
A teus profundos calculos sugeitas.
Tu no móto annual, tu no diurno,
Vais passo a passo acompanhando a terra.
Tu do grande phenomeno espantoso,
Exposto á nossa vista, e sempre ignóto,
Com que ora sobem na arenosa praia,
Ora descem na praia as turvas ondas,
A verosimil causa, ou certa apontas.
E teu profundo espirito em repouso,
Assombroso mortal, jámais deixaste.
Se, os tubos astronomicos depondo,
Deixas de ir vêr os céus, correndo os astros,
Não satisfeito de rasgar o obscuro,
Denso véu que encubria a natureza,
Pelos sombrios penetraes entrando
Com luminoso facho, e nunca extincto,
Tu, nascido a dar luz, rasgas as sombras
Talvez mais densas, que no seio envolvem
Marcado já periodo dos tempos,
Vai correndo teu fio, e apenas paras
No momento em que á voz do Eterno o mundo
Surge do cáhos, se organiza, e brilha.
Tu, da impostura oriental mofando,
E do fallaz mysterioso Egypto,
Só da verdade oraculos respeitas.
Petavio, Usserio te contemplam mudos,
Quando outras luzes contemplando mostras
Da natureza na observada marcha
Tão remoto não ser da terra o berço,
A base, as progressões, a gloria, a quédã
De imperios vastos que ambição formára:
Interprete das leis dos ceus, dos astros,
Quizeste ser legislador dos tempos.
Quem póde a gloria recusar, ó Newton,
De dar ao mundo a luz que elle não tinha?
A transcendente Geometria elevas
Ao ponto alem do qual finda o perfeito.
Da natureza sacerdote, acclaras
Mysterios que ignorára a Grecia, o Lacio.
Pelas sombras da Historia a luz derramas,
Quando a base maior, Chronologia,
Tu deixas em teus calculos segura.

P.^o J. Ag. de Macedo. — *Newton Cant.* 3.^o

LISBOA.

2.^o

SE A OPINIÃO da fundação de Lisboa pelo astuto heroe d'Homero é improvavel e vaã, como, alem dos auctores citados no artigo precedente a pag. 3, afirma o critico Vossio (1); não é menos absurda, pelos mesmos fundamentos, a dos que a attribuem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé. Não faltou quem, por conjecturas estribadas em palavras, quizesse derivar o antigo nome da cidade dos termos gregos *olis hippon*, em allusão ás ligeiras eguas que em seus campos se creavam, das quaes referiu Plinio que concebiam do vento, para assim explicar o quanto eram velozes na carreira; patranha que depois adoptaram e propagaram escriptores mais modernos com *amplissima boa-fé*, e que ainda no seculo passado pretendeu provar um padre hespanhol, campanudo erudito, intentando refutar o *Theatro Critico* do sabio benedictino Feijó. Outros (2), com mais visos de

(1) De Orig. Idolatr. lib. 1. cap. 33. *Æque vanum de Olisipone condita ab Ulisse.*

(2) Samuel Bochart. *Geograph. Sacra.* tom. 2. lib. 1. cap. 35.

rasão, fizeram das palavras phenicias, *alis ubo*, que significam *amena enseada*, uma composta, *alisubo*, ou *lisubo*, que os romanos converteram em *Olisipo*, donde os godos tiraram a sua *Olisipona*, que os mouros, por falta de *p* no seu idioma, chamaram *Olisibona* ou *Lissibona*, e donde finalmente veio o nome de Lisboa.

Não gastaríamos tempo com esta materia se não quizessemos mostrar com exemplos caseiros o quanto propende o espirito humano para origens e causas maravilhosas, e o como se desvaira a imaginação exercitando-se sobre assumptos, ou incertos, ou obscuros. Bastaria, nesse caso, que simplesmente dissessemos com o nosso judicioso historiador, Damião de Goes, na sua descripção latina.— «Não ousamos affirmar ao certo, em tamanha ancianidade de seculos, quem fôra o primeiro que edificou Lisboa.»

Passando porem a tempos de mais verdadeiras noticias, achamos que depois de expulsos os cartaginezes experimentou a nossa cidade o dominio dos romanos, não obstante a vigorosa resistencia que lhes oppuseram os povos que então habitavam em diversas partes da Lusitania. Sob o poder dos conquistadores do mundo veio Lisboa a mudar de nome, chamando-se *Felicitas Julia*, em honra do imperador Julio Cesar, que lhe concedeu o foro de municipio romano, o maior privilegio que podiam obter as cidades provinciales, porque concedia aos seus habitantes, assim o poderem militar e adquirir postos nas legiões romanas, como o chegarem aos maiores cargos da republica, depois de terem exercitado as magistraturas da sua patria; alem do que podiam reger-se por suas leis particulares, e gosavam de outras isenções e prerogativas. O titulo de *Felicitas Julia* acha-se verificado por varias inscripções, que com o andar dos tempos se descobriram em excavações, e que se podem ler nas obras dos nossos antiquarios, Resende, Luiz Marinho, e D. Rodrigo da Cunha: bastando aqui referir-mo-nos á que deixámos transcripta a pag. 3 deste volume, e que existe com outras duas proximo á igreja da Magdalena. Desta inscripção se vê que a cidade era assim nomeada, por distincção honorifica, no reinado de Domiciano, em que governou na Betica o pretor Cecilio Celer, isto é, pouco mais ou menos pelos annos 88 da era christã: e consta que, ainda no meado do terceiro seculo, conservava o mesmo titulo, por outra inscripção, dedicada ao imperador Philippe, que traz Grutero a pag. 273 n.º 2 do seu Thes., e tambem la Martinière em seguida á passagem que citámos no primeiro artigo.

Com a queda do imperio romano cahiu Lisboa em poder dos barbaros do norte: e dahi a tres seculos, extincta a monarchia dos godos na batalha de Guadalete, teve de submeter-se ao jugo sarraceno. D. Affonso o casto, rei da Galliza e das Asturias, a tomou d'assalto pelos annos 793 ou 803, mas logo em 811 voltou ao dominio dos mouros. Em 950 ou 851 D. Ordonho 3.º, rei de Leão, a entrou e saqueou: porem os infieis a recobriram, porque em 1093 foi conquistada e feita tributaria por D. Affonso 6.º, que reinou em Leão, Castella, Galliza e Portugal. Com a doação que das terras ganhas aos mouros neste reino fez o mesmo monarcha, em dote de sua filha D. Tareja, ao conde D. Henrique, glorioso tronco dos nossos reis, passou Lisboa á obediencia deste principe; breve porem os agarenos se rebellaram, e independentes permaneceram até que em 21 de Outubro de 1147 a restaurou para sempre elrei D. Affonso Henriques, depois de porfiado cerco. Em todos estes factos seguimos os P.^{es} Lima e Castro que

se fundaram na *Monarchia Lusitana*, não obstante o auctor da *Historia Genealogica da Casa Real* inclinar-se a crer que fôra a cidade salva pela primeira vez das mãos dos mouros por aquelle nosso primeiro rei. A tomada de Lisboa estará agora bem avivada na memoria dos amantes das letras portuguezas pela recentissima publicação do 5.º quaderno dos *Quadros Historicos* do Sr. Castilho. Tão magnifico assumpto era por certo bem digno de ser tratado pela destra penna de um dos nossos mais elegantes escriptores.

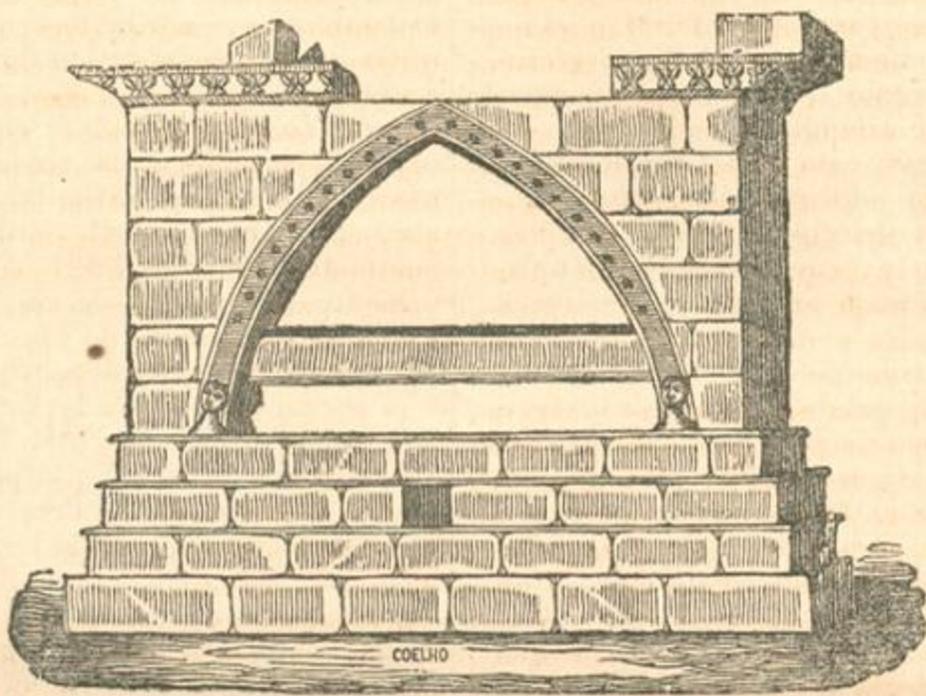
Depois de restituída á fé christã e ao dominio dos principes portuguezes, ainda Lisboa teve de supportar o peso do jugo estranho, e de numerosos desastres. Reinando elrei D. Fernando, em 1373, foi accommettida por D. Henrique, de Castella, e experimentou os estragos de um incendio fatal. Logo no começo do governo do Mestre d'Aviz, D. João 1.º, a sitiaram os castelhanos por mar e por terra; foram porem obrigados a levantar o cerco tendo soffrido grande perda de gente. Mas ainda não eram bem passados dois seculos, depois de longa serie de intrigas, de traições e de desgraças, desbaratadas as tropas bisonhas do prior do Crato junto á ponte de Alcantara, aos 26 d'Agosto de 1580, entregou a nossa capital as chaves de suas portas e castello ao soberbo duque d'Alva, e submetteu-se com todo o reino ao infausto captiveiro dos sessenta annos, que anniquilou a melhor parte das nossas riquezas e glorias. Esgotado emfim o soffrimento dos portuguezes, o memoravel dia 1.º de Dezembro de 1640 trouxe consigo o resgate; e um punhado d'homens valentes e inflammados no amor da patria consummaram no recinto da cidade o acto glorioso da recuperação da independencia nacional. Lisboa foi o theatro deste feito temerario, mas heroico e feliz.

Chegou emfim o seculo decimo nono com as idéas e ambições que herdára do seculo passado, resumidas porem na cabeça e no coração d'um só homem; com o abalo geral da Europa estremeceu tambem Portugal. A familia dos nossos reis foi abrigar-se n'outro hemispherio, começando para nós uma nova e inesperada era politica; e a sua côrte opulenta foi invadida por um exercito d'aventureiros, que entrou seus muros com falsas mostras d'amizade, a 30 de Novembro de 1807; breve porem foi o dominio, que a lealdade portugueza não podia tolerar, e os intrusos tiveram de retirar-se em Setembro do seguinte anno, quebrando-se o seu orgulho em successivas derrotas, á medida que evacuavam o nosso territorio.

Em todos os tempos vemos erguer-se triumphante e gloriosa a capital destes reinos, quer dos ataques e oppressões d'inimigos, quer dos flagellos e transtornos da natureza. Incendios devoradores e horrosos terremotos (*) por vezes a devastaram, consumindo e abysmando os seus bellos edificios e monumentos; pestes e epidemias assoladoras dizimaram os seus moradores em epochas diversas; e não obstante tantos estragos Lisboa apparece sempre a joia de Portugal, e uma das grandes cidades do mundo civilizado. Cumpre por isso que a possam conhecer e avaliar por suas bellezas, magnificencias e recordações, tanto os naturaes como os estranhos. Possuidos desta idéa, apesar do nosso diminuto cabedal litterario, emprehendemos lançar nas paginas deste jornal uma descripção topographica da cidade, que iremos distribuindo pelos n.ºs futuros. Moveu-nos principalmente a este trabalho a seguinte observação do nosso erudito Gaspar Estação, que de certo

(*) Vid. sobre os terremotos em Lisboa a pag. 115 do 2.º vol. deste jornal.

ninguem achará desacertada — O conhecimento de cousas varias e remotas da nossa idade, em certo modo auctorisa os homens, alem de os fazer sabios e prudentes; e se elle é das do reino em que nasceram, tanto é mais digno de louvar quanto mais se estranha não saber as cousas de casa, e ser peregrino na propria patria.



O MARMOIRAL,

EM 1741 elrei D. João 5.^o erigiu em villa a povoação de Arrifana de Sousa, distante seis leguas da cidade do Porto, a pedido dos seus habitantes. Elrei D. José, querendo desmembrar do bispado do Porto a comarca ecclesiastica de Penafiel, elevou, por carta regia de 17 de Março de 1770, á cathedra de cidade a villa de Arrifana, e creou o novo bispado de Penafiel, de que a nova cidade tomou o nome. Morto porem D. José, e afastado dos negocios publicos o seu grande ministro, o marquez de Pombal, deu o primeiro e unico bispo de Penafiel, confessor que era da rainha D. Maria, a sua renuncia, ou por annuir aos desejos da soberana, ou por instigações da cõrte, que, aproveitando-se deste passo, conseguiu a incorporação da nova diocese na antiga do Porto de que fõra desmembrada. E se uma bulla de Clemente 14.^o deu á moderna cidade [com o beneplacito regio] a consideração e os proveitos resultantes de uma *cadeira episcopal*, outra bulla de Pio 6.^o, datada de 11 de Dezembro de 1773, a despojou desta prerogativa, e apeou a sua igreja da Misericordia, que fõra escolhida para sé, das honras de cathedral: durando toda essa gloria apenas o curto espaço de oito annos.

Nas cercanias de Penafiel se encontra a antigualha de que vamos tratar. É um monumento que se vê n'uma bouça proxima ao logar da *Ermida*, da banda do norte da estrada, que deste logar vai dar ao da *Cadeada*. Chama-lhe a tradição o *marmoiral*, voz provavelmente adulterada da palavra *memorial*, que talvez queira significar.

A estampa que ajuntámos dá idéa da fórma deste moimento. É um arco levantado da terra perto de quinze palmos, tendo de vão a quarta parte desta altura. Superiormente é coroado com uma cimalha, a que falta a porção que se vê na estampa, estando parte cahida e sotterrada, e tem suas ruinas, que juntamente com a architectura abonam a sua antiguidade. Mas o que significa este monumento? a tradição nada adianta; e só Fr. Antonio da Sole-

dade, monge do mosteiro de Paço de Sousa (*), pelos annos de 1765, é que em um manuscripto, que deixou no cartorio, diz e comprova com um documento, datado da era de 1152, que J. P. Ribeiro reputa não apocrifo, que era aquelle o jazigo de um fidalgo, por nome D. Souza Alvares. Da architectura deste arco ou *marmoiral*, em tudo conforme á do frontispicio de Paço de Sousa, se infere serem ambos coetaneos. Quanto á pessoa de D. Souza Alvares basta attender ao titulo de dom para se reconhecer qual devêra ser a sua qualidade e honrada prosapia, e talvez fosse o senhor de todas aquellas terras. — Nem semelhantes mausoleus se costumavam levantar a pessoas de menor consideração; e por ventura seria o senhor ou alcaide do castello ou castro de Bugafa, que lhe ficava proximo. O incansavel escriptor Antonio de Almeida, que habitou em Penafiel, de que fez uma extensa descripção que vem impressa no Tom. 10 p. 2.^a das Mem. da Academia, diz que a pedra superior ao vão em que se vêem representadas as cabeças era como campa, e que no vão estaria o feretro ou ataúde. O sitio que, inferiormente a este vão, está mais escuro representa pedra que falta, talvez tirada por mão de avarento, que alli procurava achar algum thesouro.

Quanto á situação no meio d'uma bouça não faça isso duvida, pois tal era o costume daquella idade: os jazigos dos mortos eram nos campos, nas bordas das estradas, e proximo aos templos, quer nisto interviessem motivos politicos, quer religiosos.

Destes monumentos, que mais ou menos são no gosto do de Odivellas [de que se fez menção a pag. 58 do 1.^o vol.], ha varios neste paiz; e por agora citaremos tres: um em Rebordões, no concelho de Refoios de Riba d'Ave; outro no concelho de Bemviver, indo de Villaboa ao Douro por Fontelhos; outro que deu o nome ao logar chamado *Arquinho*, um quarto de legua ao sul de Santo Thyrsó.

(*) Vej. sobre este mosteiro o vol. 1.^o do Panorama pag. 101.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

I.

A PARTIDA.

VASCO DA GAMA abriu as portas maritimas do oriente, e tornou ao heroico paiz natal para dar conta ao rei e á posteridade da sua ousada e para sempre maravilhosa empreza. Elrei D. Manuel querendo tirar proveito de tantos trabalhos resolvêra em conselho de fazer aprestar uma armada capaz de infundir respeito e de ostentar na India a sua grandeza, com destino de ir a Calecut entabolar relações com o Samorim e estabelecer uma feitoria em que se hasteasse o pendão das quinas — ou antes o da ordem de Christo, para proteger os seus vassallos que alli quizessem ir mercadejar. Desta armada, constante de treze vélas e de mil e duzentos homens, dera a capitania-mor a Pedr'Alvares Cabral, varão conhecido pela sua illustre linhagem, e que para este encargo se offerecêra por suggestões do seu amigo, o grande descobridor da India, que o recommendára a elrei. Dadas as instrucções e regimentos tinha chegado o mez de Março, proprio da monção, e no segundo domingo deste mez do ultimo anno do 15.^o seculo — no dia 8 de Março do anno de Christo de 1500 — as náus de todo equipadas, que tinham barlaventeado largando de Lisboa, estavam fundeadas no surgidouro do Rastello. No começo sumptuoso convento de Belem se disse missa e prégação, a que elrei assistiu com toda a corte, fazendo a Pedr'Alvares a distincção de o ter consigo na tribuna real, e de o acompanhar até ao embarque, despedindo-se no meio de um grande concurso de povo que na terra e no mar se apinhava.

No dia seguinte pela manhã ao repontar da vante todas as náus levavam ferro. Ouvia-se a grita cadenciada dos marinheiros feita de proposito para alarem ao mesmo tempo, applicando com regularidade os viradores nos cabrestantes, e esta bulha suffocava todos os mais sons, excepto o do rouco roçar da amarra pelos escouvens e o do agudo apito do mestre que fazia largar e caçar as vélas. Da banda de bombordo via-se avultar, por entre os andares de ameias, a guarnição de uma formosa torre construida por elrei D. João 2.^o para defender a entrada do Tejo, a qual parecia despedir-se de muitos dos seus que deixavam de a ver para sempre. Da banda do Rastello apenas existia em projecto a magnifica torre de S. Vicente de Belem, construida no meio das ondas, que a principio arrebetavam de envolta com as areas douradas do Tejo contra os seus alicerces, como querendo vingar-se de lhe usurpar impunemente os seus campos — essa « torre antiga e veneranda » testemunha ha tantos tempos das glorias navaes das armadas do Tejo, e não indifferente aos seus desastres e decadencia.

A armada sahiu de mar em fóra, e tomando para o Cabo d'Espichel foi desaparecendo pouco a pouco. Andados treze dias estava tanto avante como as ilhas de Cabo-verde, tendo passado junto ás Canarias. Porem tendo logo desaparecido uma das náus, proseguiram as doze restantes pelo oceano, affastando-se das costas d'Africa, e amarando-se para loeste cada vez mais. É sem fundamento a opinião dos que acreditam foram por tempestade obrigadas a seguir este rumo; tem mais probabilidade a de Barros, que houve intenções de fugirem ás calmarias de Guiné como já o praticára Vasco da Gama. E se na verdade foi este o fim, vento de mais e bem fatal veio a ter depois a armada. Porem se attentarmos

em que para sempre tinham desaparecido os rezeiros do *mar tenebroso* — que em Portugal se conhecia a existencia das terras occidentaes achadas por Colombo — e, maiormente, que Gaspar Corte-Real diligenciava a doação da terra firme ou ilhas que encontrasse, e que lhe foi concedida a 12 de Maio desse anno — se attentarmos, repetimos, em tudo isto não podemos deixar de nos persuadir que no seguimento de tal rumo entrou o quer-que-é das esperanças, curiosidade e vertigem descobridora dos portuguezes daquella idade. Esta consideração tão simples poderá para o futuro concorrer a diminuir as difficuldades na composição de uma epopéa cujo assumpto seja o desta chronica e Pedr'Alvares o heroe.

II.

A CHEGADA.

As doze vellas navegavam, fazendo diversas singraduras, porem sempre no rumo de S. O. As plantas maritimas e aves que tinham encontrado aos 21 de Abril, que era o dia da segunda oitava de Pascoa, lhes annunciára terra e por isso na manhã seguinte não sahiam os mais curiosos dos chapiteus de proa. E estavam já desalentados e fartos de esperar, quando um gageiro da capitana bradou da gavia — *terra!*

E a voz terra! terra! tão consoladora aos navegantes era a unica que resoava e se ouvia nas náus. E não tardou muito tempo que a não fossem todos descortinando, e vendo-a avultar. Viram logo crescer um cerro de fórma arredondada, ao qual o capitão, attendendo á festa que acabava de solemnizar, deu o nome de *Monte Pascoal*. Eram horas de vespera e com o reflexo do sol, que se escondia se enxergavam distinctamente, serras mais baixas para o sul, e a final se via a terra chaã e vestida de sombrios arvoredos.

O leitor que julgue, já que o não póde experimentar, qual seria o alvoroço e assombro que esta visão produziu, desde o capitão-mór até ao infimo grumete, naquelles mil e tantos portuguezes suspensos sobre as aguas nos castellos ambulantes de madeira, que depois deram leis ao mundo. Aproaram a terra, e tendo navegado varios relogios foram ancorar a seis leguas da costa. E viram o pôr do sol effectuar-se entre as serras. Cedo veio a noite de 22 de Abril de 1500 em que se realisou este descobrimento, segundo a narração ingenua e circumstanciada, feita a elrei por Pero Vaz de Caminha, que ia por escriptura para a feitoria de Calecut, e que sendo testemunha ocular, tem tambem a seu favor ser esta sua narração uma carta particular a elrei em que até lhe falla em negocios domesticos. E sendo escripta no mesmo local e occasião em que se passavam os factos, e não depois de decorridos tempos em que algumas miudezas poderiam ter escapado, é de tão ponderosa auctoridade que estando, de mais, em harmonia com a narração do piloto portuguez em Ramusio, deve em nossa opinião supplantar as dos mais acreditados escriptores que não foram coevos, incluindo nestes Castanheda, Barros, Goes, e até o mesmo Gaspar Correa, a quem seguiremos em muitos outros pontos, por ser o escriptor verdadeiramente original dos fastos da India nos primeiros doze annos. Deste documento de Pero Vaz, já impresso, conserva-se o veneravel original na Torre do Tombo. É o primeiro escripto de penna portugueza

no Novo-mundo, e nesta historia o seguimos por vezes textualmente. Quanto pois á data do descobrimento dizemos afoitamente que erram os que seguindo a Marco, Gaspar Correa, Barros e Soares querem, deduzindo-a do nome dado á terra, que fosse a 3 de Maio, em que a igreja solemnisa a festa da Santa-cruz. Esta opinião erronea produziu um anachronismo de consequencia, que até em actos publicos voga indevidamente pelo Brazil. — Porem, como iamoz dizendo, chegara a noite — corria já quasi no fim o quarto de prima: — Pero Vaz na sua camara recostado com o cotovelo no coxim e o rosto na palma da mão, ideava o escrever uma carta ao seu rei. Tudo estava em socêgo — só se ouvia o susurrar da agua chapinhando nos costados da capitana — o ranger dos appparelhos nos moitões e quadernaes em virtude do balouçar da náu — o bocejar das vigias nos chapiteus de ré e d'avante que se conservavam sobre rolda — e os passos cadenciados do official de quarto que, andando pela tolda, e pensando na futura sorte daquella navegação admirava o estrellado firmamento do Novo-mundo, que reflectindo-se no mar deixava a frota entre dois mantos azues recamados de perolas e bordados de lantejoulas. E a briza suave refrescava o ar afogueado pelo ardor do sol durante o dia, e trazia bafagens terraes prenhes de balsamicos perfumes.

III.

A PESQUISA DE PORTO.

Era o dia 23, o sol levantava-se do horisonte que terminava nas aguas, e ao mesmo tempo as náus levavam ferro — e dahi a pouco todas com os papafigos ferrados cortavam as aguas em direito da costa. A capitana, a náu Rei e as outras maiores iam a ré. — Já o sol ia alto, seriam dez horas, quando amainaram vélas e ancoraram obra de meia legua da praia, á foz de um pequeno rio que hoje chamam do Frade.

Todos olhavam attentos para a terra, reparando na gente que por lá viam andar, quando aos signaes da capitana, com bandeiras e flammulas nos masta-réus, sahia de cada uma das náus um esquife ou — como hoje se diz — um escaler cortando as aguas em direitura aonde era feito o chamamento. Conduziam os capitães de cada uma das náus convocadas por Pedr'Alvares Cabral a um conselho que logo teve lugar. O que nesse primeiro conselho disse cada um dos membros não se sabe; mas bem se collige que o seu fim era — o de verificarem o não conhecimento de existencia de terra por alli arrumada — confrontarem as derrotas e singraduras de cada náu — e ajustarem o termo médio da altura do sol por cada um delles alli observada, que acharam ser dezeseite gráus escaços — e finalmente de deliberarem ácerca do que convinha fazer-se.

O que apenas chegou ao conhecimento do vulgo das náus foi o resultado. O capitão Nicoláu Coelho sahio em um batel a terra, levando os interpretes para diligenciar haver falla da gente; porem estes não poderam conseguir fazer-se entender; porque eram só de linguas d'Africa, alli inteiramente estranhas. O capitão vendo que por azo do mar, que muito quebrava na costa, lhe não era possivel desembarcar, mandou deitar fateixa, e atirou para terra um barrete vermelho, uma carapuça que levava na cabeça, e um sombreiro preto; e os da terra lhe deram em trôco um toucado ou turbão de pennas, e um colar de continhas brancas: seriam ave-marias quando voltaram todos ás náus e contaram o succedido.

Era alta noite quando a atmosphaera se cerrou de nuvens que encubriram de todo as estrellas. Começou a levantar-se tão grande vaga de mar, e eram já as ondas tão furiosas, que os navios jogavam fortemente. A noite se affigurava cada vez mais horrenda; as nuvens carregadas corriam tendentes para o noroeste e principiaram logo a gotejar, e os pingos seguidos cahiam sobre as aguas com vehemencia e ruido. O vento sueste zunia varejando a enxarcea. Dissereis que a alguns estalaram as vergas, a outros arrebutaram os cabres e ahustes — que esta náu partira o mastro, e aquella perdendo a ancora se víra forçada de lançar-se de mar em travez. Pois nada disso aconteceu. Apenas algumas das náus, e com especialidade a capitana, foram obrigadas de caçar, e a trovoada passou sem lhes fazer nojo.

Nem por isso o sempre cuidadoso capitão deixou de se levantar ao render do quarto da modorra, para ver que tal era a cara do tempo. Já o aguaceiro (*) era passado. O piloto Affonso Lopes, que viu sobre a tolda da, já naquelle tempo nobre e privilegiada, banda de estribordo um vulto embugado, que de cabeça levantada observava os astros, deduziu logo quem seria, e para elle se dirigiu.

« Já lá vai, senhor, o chuveiro que vos fez levantar; agora conto teremos bonança. » —

— Não é o que passou que me dá cuidado, respondeu o capitão-mór, é o que póde ainda vir, que somos mal surtos. —

« Assim é, senhor, estamos em costa aberta, e parece que o mar deve de aqui andar sempre de levadío. Entretanto em quanto cá estivesse Affonso Lopes podia V. S. dormir descansado, que elle faria aviso se se visse a Deus misericordia. » —

— Estou certo do vosso prestimo e vivacidade, Affonso Lopes, e por isso vos escolhi para piloto da minha náu; mas outra tenção me trouxe por aqui tão cedo. O alvorecer já não tarda, portanto aprestai-vos que havemos de levar ferro para buscar, aproveitando a feição do vento, algum porto seguro onde as náus surjam bem. Preparai-vos que haveis de ir para o menor navio que levamos, a fim de pesquisar um bom surgidouro.

Prompto, senhor; e queira Deus que não me venha outra aventura como...

Vamos, vamos, que é necessario dar as mais ordens. — E por tal modo foram dadas que como seriam oito horas as náus governavam já na volta do norte. Para o sudoeste ficava o Monte-pascoal, e na praia viam-se á foz do rio do Frade sessenta a setenta indigenas pasmados e como estupefactos com a vista de tão monstruosas embarcações — navegando em ala com os esquifes e bateis á popa. A capitana ia com todas as maiores náus a barlavento para irem mais arredias da terra. Tinham assim navegado obra de dez leguas quando encontraram uma bella enseada onde logo se metteram os navios menores, e com elles o nosso Affonso Lopes, e amainaram. O capitão-mór surgiu com os maiores fóra dos arrecifes, por não saber ainda se havia dentro sufficiente fundo, e tambem porque sendo já tarde se não quiz expôr a perigar nos recifes descubertos na baixamar, que offerecem boa colheita fechando e escudando a enseada da banda do mar, e delles ficou distante uma legua.

(Continuar-se-ha).

(*) Chuvaceiro diz o nosso A., que escreveu em 1500. O A. não inventou por certo este termo só para esta occasião. Não vem nos dictionarios.

MOSTEIRO DA BATALHA.

2.º

ENTRE as obras primorosas que encerra o Mosteiro da Batalha sobresahe a capella do augusto fundador, que fica á direita, entrando-se pela porta principal da igreja. O chronista Fr. Luiz de Sousa a descreve assim. — « . . . É uma grande sala quadrada de 90 palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte da cantaria da igreja, e coberta d'abobada, com um zimbório que artificiosamente nasce do meio della sobre 8 pilares, como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella, e juntamente estribo da abobada; porque sobe em grande altura em forma oitavada e 33 palmos de diametro, seguindo a situação das columnas, e fazendo duas faces do mesmo lavor e feitio, uma para dentro e outra para fóra; e vai vasado todo em roda até a mais alta parte delle em frestas mui rasgadas e grandes e tão largas, como é cada parte do outavado e todas são cerradas com suas vidraças de côres, como as da igreja e capella, e nellas se vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer. E porque o zimbório se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre uma divisão ou cordão de cantaria em redondo, para firmeza da obra, e sobre ella sobem outras frestas em direito das que ficam debaixo com o mesmo lavor e guarnição de vidraças e illuminação, até pegarem na chave onde fecha toda a obra, a qual fica tão alta que della ao pavimento ou lageado da capella ha 92 palmos. Este zimbório, assim feito, faz pavilhão a duas sepulturas e um altar, que ao justo lhe ficam debaixo e entre as columnas em que estriba. » —

Passando agora a tratar dos monumentos, seguiremos outro guia mais moderno, e mais seguro, porque corrige as inexactidões ou descuidos dos escriptores precedentes. (*) — « Está no meio desta magnifica e formosa capella uma grande caixa inteiriga de marmore branco, dentro da qual se accommodaram ambos os moimentos d'elrei D. João 1.º e da rainha sua mulher a Sr.ª D. Philippa. O frizo superior desta caixa é guarnecido de uma silva cortada na pedra, em relevo, por entre cujas folhagens se lê em ametade da sua circumferencia a letra repetida, *il. me plet.*, e na outra metade a outra letra tambem repetida, *por. bem.* Nas duas faces lateraes e maiores da caixa . . . se acham esculpidos em letra alemaã minuscula os dois extensos epitaphios d'elrei e da rainha . . . Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo, estava em relevo a cruz da Ordem da jarreteira, circulada da liga, que é insignia d'esta ordem, com a sua letra *honny soit qui mal y pense* de que ainda se vê uma parte, porque o resto foi destruida pela soldadesca franceza que neste mesmo logar abriu um rombo em 1310 ou 1311 . . . Este ornamento do tumulo, que não achamos commemorado em escriptor algum dos que temos visto, é de sobejo para mostrar que o Sr. D. João 1.º foi cavalleiro da Ordem da jarreteira, facto de que parece terem duvidado não só estrangeiros, mas tambem portuguezes. . . »

« Sobre o monumento estão em relevo inteiro os vultos d'elrei e da rainha, . . . ambos com corôa real e guardadas as cabeças por dois como torreões de marmore, gentilmente lavrados, em cujas summidades da parte de fóra se vêem respectivamente os seus escudos d'armas. O Sr. D. João 1.º tem as quinas direitas, assentadas sobre a cruz d'Aviz, com

(*) Vid. Mem. sobre as obras do Most. da Batalha, no Tom. X part. 1.ª das M. d'A. R. das Scienc., no cap. 4.º §. 2.º

a orla dos castellos e a corôa real. O da Sr.ª D. Philippa é partido em dois, tendo á direita o escudo de armas de seu marido, elrei, e á esquerda o seu proprio brasão, que é esquartelado; e tem nos lados respectivamente oppostos os leões e as flores de liz. »

No lado do sul da capella abrem-se no grosso da parede quatro arcos, onde estão collocados os jazigos dos quatro infantes, D. Pedro, D. Henrique, D. João, e D. Fernando, filhos de D. João 1.º O primeiro é o do mais velho dos quatro, D. Pedro, duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz, que regeu o reino com summa prudencia e inteireza durante a menoridade de seu sobrinho, D. Affonso 5.º, e veio acabar desgraçadamente na infausta batalha da Alfarroubeira (**). A par da caixa do seu tumulo, para a parte interior do arco, está outra com as cinzas de sua mulher, D. Isabel, filha do conde de Urgel, D Jaime. Ambas são de pedra, em tudo iguaes. (::) Segue-se no segundo arco o mausoleu do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu, nome immortal na historia da navegação. Por cima do tumulo está deitada a estatua do infante, armado; não tem corôa real [como diz Sousa] mas uma touca ou fóta, á roda da cabeça. Na inscripção ficou por encher a data do fallecimento do infante: o nome da ordem de Christo, de que foi governador, está apagado por falha que ha na pedra.

O terceiro tumulo é o do infante D. João, mestre da ordem de Santiago, e condestavel de Portugal, que teve por mulher, sua sobrinha D. Isabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, e neta do grande D. Nuno Alvares Pereira. Dentro do mesmo terceiro arco, á direita do tumulo de seu esposo, está o jazigo desta senhora. A letra da divisa de D. João, *j'ai bien raison* é em francez como as do pai e irmãos; porque, como diz Fr. Luiz de Sousa, *era naquelle tempo a lingua franceza estimada e corrente entre os principes por cortezaã e polida.*

Emfim no quarto monumento repousam as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando, mestre que foi da ordem de Aviz, exemplar da resignação christã e de todas as virtudes, e que morreu captivo em Fez: as quaes reliquias foram remidas das mãos dos infieis e trazidas a este reino em tempo de D. Affonso 5.º, sobrinho do infante.

Ha mais nesta capella oito arcos, iguaes aos quatro, nas cabeceiras de nascente e poente; mas não consta que nenhuma pessoa da regia stirpe allí fosse depositada, ainda que tal pareça ser o destino para que os fizeram. Dos quatro altares e quatro grandes armarios que, em tempo de Sousa, os occupavam, apenas existiam ha poucos annos vestigios, bem como os fragmentos de varios paineis e pinturas, alguns da mão do grão Vasco: porque ou o tempo ou as devastações da guerra os destruíram. Ao sahir da capella para a igreja, no pavimento desta, á esquerda, para a parte da porta principal, está uma grande campa lavrada, que cobre a sepultura de Diogo Gonçalves de Travassos, varão que devia ser de raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha feito aio de seus filhos e regedor de suas terras.

(Concluir-se-ha).

(**) Vej. o retrato do infante, e o quadro historico desta batalha a pag. 4 e seg. do 2.º vol.

::) No cit. cap. 4.º da Mem. sobre a Batalha achará o curioso a descripção dos brasões d'armas que ornamentam todos estes jazigos.

FRAQUEZA DOS JUDEUS.

O PORTUENSE Hieronimo de Mendonça, auctor por todos os titulos digno de ser recomendado, escreveu a *Jornada de Africa*, em a qual tratando da malograda expedição d'elrei D. Sebastião a Alcacerquibir, toca varios successos ácerca deste reino que só ali se encontrarão, offerece ao leitor varios episodios, entre os quaes podemos citar o de *Virginia* e o de *Zaida*, e alem disso instrue dando conselhos praticos para servirem de codigo aos captivos.

Não é porem menos interessante esta obra pelos elegantes contos com que amenisa a sua narração.

Taxando de fracos os judeus de Barberia conta o seguinte caso:

« Lembra-me, ácerca do estranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos mouros: a qual foi que estando uma vez o Xarife em campanha contra um levantado, como tivesse pouca gente, vendo-se em grande necessidade, lhe disse um privado seu: « Senhor, parece-me bem que pois não ha outro remedio que mandes armar dois ou tres mil homens judeus, que ha nesta cidade, pois te não faltam armas, porque em fim ainda que tenham este nome todavia são homens como nós, e vendo-se juntos e bem armados, de crer é que pelejarão mui bem. »

« E mandando dar ordem foram em um momento os judeus armados de todas as armas, dos quaes se fez um esquadrão mui formoso de que o mouro se satisfez grandemente. E caminhando contra seu inimigo chegou á sua vista com aquelle fantastico esquadrão e com os mouros que o acompanhavam, o qual vendo tanta gente ficou maravilhado, cuidando ser novo soccorro de turcos; e todos os que o seguiam se acolheram e elle juntamente. Vendo elrei aquelle serviço que os judeus lhe haviam feito, lhe agradeceu muito a boa vontade, louvando a postura de todos, e dizendo aos seus, que formoso esquadrão aquelle estava. Isto dizia elrei quando no meio destes louvores chegaram dois enviados de todo o esquadrão, pedindo a S. M. lhe fizesse mercê mandar-lhes dar tres ou quatro mouros para os guardarem dos rapazes que lhes não fizessem algum mal pelo caminho d'ali até a cidade. O qual vendo tão gracioso temor e petição disse: « Parece-nos que se meu inimigo soubera o valor desta gente que estavamos bem aviados! » Logo elrei lhes mandou dar a guarda que pediam, que lhes não foi pouco necessaria. »

A REFLEXÃO.

HOMEM medita, e considera para que foste formado. — Contempla tuas forças, tua inopia e tuas dependencias; assim descortinarás os teus deveres, e terás guia para todos os caminhos. Não te mettas a fallar sem haveres primeiro pezado tuas palavras, nem a obrar sem haveres examinado o resultado do passo que vais dar: deste modo verás desviar-se o dissabor; á vergonha não darás guarida; não terás conhecimento do pezar; nem te resudará no rosto a tristeza.

O insensato não refreia a sua lingua; falla atabalhoadamente, e fica enredado na fatuidade de suas proprias palavras.

O que se engolfa subito em alguma acção, sem pensar nas consequencias, semelha-se ao que em rapida corrida salta logo o muro que se lhe antepara: póde cair do outro lado, em alguma alcorcova que não vira.

Escuta pois a voz da reflexão; suas palavras são as da sabedoria, rastejando suas pégadas serás conduzido pela senda da verdade e felicidade.

A MODESTIA.

QUEM és tu homem, que presumes do teu saber? ou porque te assoberbas dos teus conhecimentos? O primeiro passo para a sabedoria é a convicção da propria ignorancia; e se não queres passar por amente no ajuizar dos outros, despe-te da insania de te conceituares sabio.

Como um vestido singelo é o melhor enfeite a uma mulher formosa, assim o decoro é o maior ornato da sabedoria.

A linguagem do comedimento dá lustre á verdade; a mesma desconfiança do modesto lhe absolve algum erro.

O modesto não se fia no saber; pesa tambem os conselhos do amigo; e disto aproveita algum bem.

Cerra os ouvidos a louvores, e não lhes dá credito; e é o ultimo em descobrir seu proprio merito.

E a modo de véu que releva a belleza assim são as suas virtudes realçadas pela sombra que a modestia esparge sobre ellas.

ANTONIO Moniz Barreto, sendo governador da India, por soccorrer a fortaleza de Malaca, que os achens tinham cercado, pediu á cidade de Goa vinte mil pardaus de emprestimo, dando-lhe em penhor Duarte Moniz seu filho, menino de sete para oito annos, que a cidade aceitou: com este dinheiro se remediou por então o governador, e desempenhou o filho em breve tempo, assemelhando-se em tão extraordinario feito com o imperador Balduino 2.^o de Constantinopola, que vendo-se falto de meios, e sem esperanza de remedio, por acudir á necessidade de sua patria, e de seu estado, que via em termos de perder-se, empenhou um filho seu de pouca idade aos venezianos em certa quantia de dinheiro, com que remediou suas faltas, e desempenhou depois o filho.

O INSIGNE Nuno da Cunha, governador da India, por soccorrer a fortaleza de Diu, que os turcos tinham cercado e posto em grande perigo, usou d'um ardil singular: e foi que mandando algumas frotas em soccorro, com gente e munições necessarias, em cada uma fez pôr quatro fachos na popa, e assomando assim á vista dos turcos uma noite, fingiam commette-los com grandes apupos, alaridos, e estrondo de artilheria, por dar animo aos cercados com a vista do soccorro, e espanto e temor aos turcos, os quaes, quando viram tantos fogos, enganados com a escuridão da noite, que o medo accrescentava, crendo que outras tantas velas como fachos vinham de soccorro, e que toda a India estava sobre elles, se fizeram á vela, sem mais querer provar fortuna com os nossos.

DE muitos peccados se guarda e foge o que é commedido e temperado em suas palavras, porque assim como a arvore, a que são cortadas as raizes ligeiramente, cae e se lhes seccam as folhas e fructos, assim, se é refreada a lingua, todos os vicios que della procedem cessam. Por certo, a lingua solta cega e enfusca a mente, arrefenta o lume do espirito; secca a fonte das lagrymas, dessega os atamentos da paz, torva a composição das cuidações, destrue a irmandade, finge cousas vaãs, mente amiudo, continuamente detrahe, attende aos gabos, occupa-se em mentiras, perde o tempo, esperta as contendias, semea odios, pare desavenças, mata a compunção, lança de si o temor de Deus. — *Da Vida Solitaria, Trad. da Sr.^a infanta D. Catharina.*